

# *PARA A HISTÓRIA DA BANDA DESENHADA PORTUGUESA*

## *3. Os anos trinta*



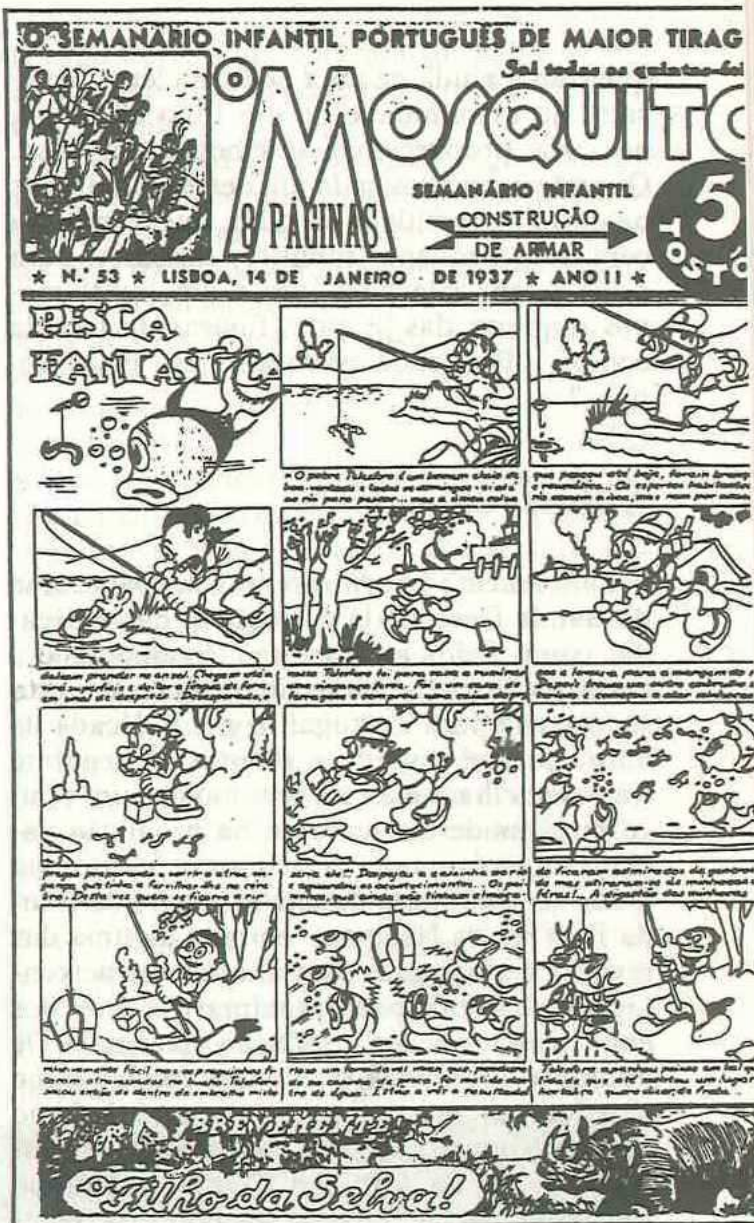
**Carlos Gonçalves**

*T*oda gente conhece já os vários nomes que as «Histórias aos Quadrinhos» têm tomado ao longo de todos estes anos. Decidiu-se nos anos 60, que a designação definitiva seria a de «Banda Desenhada». Muitos dos nossos críticos e comentadores da 9.<sup>a</sup> arte consideraram também que esta última designação seria a mais correcta na nossa lingua... Será? Então vejamos as várias designações para banda, já que a palavra desenhada possui um único sentido: «Faixa de ombro a ombro» — «Lado» — «Parte lateral» — «Ilharga» — «Flanco» — «Partido» — «Margem» — «Panos soltos» — «Abas dos capotes e das capas» — «Panos para pôr nos cabelos» — «Faixas e cintas que os condecorados trazem a tiracolo» — «Cinta dos oficiais do exército» — «Corporação de músicos», etc. Será que ela nos satisfaz?



Também os franceses se sentem hoje confundidos com a designação a escolher para as Histórias aos Quadrinhos. Só se sabe que ela corresponde muito mal à literatura gráfica ou à sequência narrativa. Em França usou-se antigamente «Literature en estampes», «romans cinématiques», «récits en images» e «histoires en images» (esta última semelhante à nossa classificação). Os ingleses e os americanos chamam à Banda Desenhada «Comics», os italianos «Fumetti», os espanhóis «Tebeos», «Historietas» ou «Comics». Também em Portugal e nos anos trinta, quarenta e mesmo cinquenta, se chamavam às Histórias aos Quadrinhos «Mosquitos»... (a exemplo do sucesso que a revista «O Mosquito» teria entre nós). Em Espanha o nome «Tebeos» vinha também da revista «TBO»... Enfim, chegamos à conclusão de que todas as designações que se adoptaram serão «madrastas». No Brasil, os «Quadrinhos» ou «Histórias em Quadrinhos» são outros nomes a considerar...

Em Portugal usaram-se várias designações para classificar as Histórias aos Quadrinhos. Também é certo que hoje as Histórias aos Quadrinhos já o não são... Estas po-



dem ter vinhetas quadradas, redondas, em losângulo, rectangulares ou sem limites definidos. Salientamos algumas das designações que se usaram em Portugal, ao longo de duas décadas: «Narrativas ilustradas» e «Histórias Cómicas Ilustradas» (Tic-Tac, 1937); «Aventura Gráfica» (Pirilau, 1939); «Aventuras Ilustradas» (O Mosquito, 1943) e «Novela Ilustrada em Tiras» (Faisca, 1944). No entanto, a expressão «Histórias aos Quadrinhos» encontra-se no Mundo de Aventuras (1950); «Semana em Quadrinhos» no Sempre Fixe (1951); «Novela em Quadrinhos» no Romance Magazine (1953); «Fitas aos Quadrinhos» no Jornal de Actualidades (1955) e «Humor aos Quadrinhos» no Sempre fixe (1957).

Lembramo-nos de nos anos 50 chegarmos a adquirir alguns pacotes de quadrinhos (fotogramas recortados de fitas do cinema que eram vendidos em qualquer tabacaria e

que com a ajuda de uma pequena lente, colocada na extremidade de um tubo de metal, nos iria proporcionar o cinema em casa. Quando colocados cada um desses quadrados na outra extremidade do tubo, que terminava com duas pequenas ranhuras salientes, para nelas serem colocados, um a um, sentíamos os senhores das grandes figuras da tela da época... Por onde andarão hoje esses sonhos?...

### A década de «ouro»

Difícilmente encontraremos no panorama da Banda Desenhada portuguesa outra década, como a dos anos trinta. Digamos que a exemplo do que se passaria na América, esta se tornaria para Portugal, como a década de ouro, no que respeita a revistas. A seguinte irá assemelhar-se a esta, em moldes um pouco mais modestos, excepto na produção nacional que é maior. No entanto, muito iria ainda ser feito para desenvolvimento da Banda Desenhada Nacional, embora alguma das revistas desta época, tivessem tido em percentagem e conforme se aproximava o final dos anos trinta, menos produção nacional. De qualquer dos modos, ele irá representar como o período em que maior impulso será dado no desenvolvimento e criação de revistas da especialidade. Se Cottineli Telmo e António Cardoso Lopes se tinham distinguido no campo da direcção das revistas infantis, independentemente de serem também desenhadores, já outros artistas anteriores tinham no início do século dado o seu contributo para que fosse criado maior interesse por esta arte.

Alonso (1), Francisco Teixeira (2), Alfredo Cândido, Manuel Monterroso, Francisco Valença, Rocha Vieira e principalmente Stuart, tinham sido os precursores desse movimento, que se iria desenvolver, embora de um modo lento...

### O Mosquito

«O Mosquito» representa, na verdade, o maior sucesso editorial de todos os tempos, a nível da publicação de uma revista infantil de Histórias aos Quadrinhos. Jamais qualquer outra edição do género conseguiu alcançar tanto êxito, não só em tiragens como em longevidade. E não consideramos longevidade, uma insistência contínua, na saída de novos números da revista (muitos deles repetindo as histórias já publicadas anteriormente,

Sei todas as quintas



# O Mosquito

SEMANÁRIO INFANTIL  
12 PÁGINAS  
CONSTRUÇÃO DE ARMAR

## O GAVIÃO DOS MARES (Continuação)



Sir Richard e os seus companheiros resolveram esperar pela manhã para desembarcarem. Ao romper do dia o Gavião dos Mares aproximou-se mais de terra e mostrou a sua cinquenta metros de comprimento.



Logo que descobrir os assaltantes da praia e o homem que, durante a noite, roubou o mapa. Logo que alcançaram terra e desembarcaram as munições e víveres com que se tinham provido, os corsários



Então um escalor foi descido e nele foram levar alguns tripulantes bem armados com o capitão Gay, D. Francisco de Almeida, Pedro e Maria. O capitão desceu a explorar a ilha palmo a palmo, se



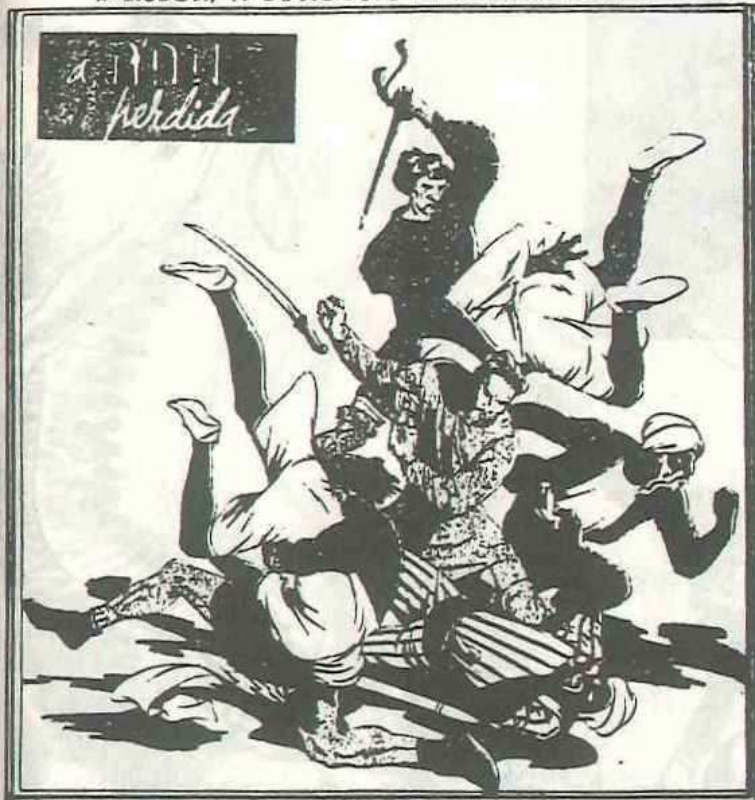
e prenderam-se pela praia. Entraram na ilha de uma das pedras, dois e prenderam-nos. Pedro e Maria, seguíam por D. Francisco de Almeida, e assim alguns passos dos companheiros

(Continua na pág.)

como «O Falcão» ou modificando sistematicamente o formato, o conteúdo e, inclusive, voltar a numerar a revista a partir do seu primeiro número, embora com novos «heróis», novas secções, como é o caso de o «Mundo de Aventuras»). De qualquer dos modos, quanto a nós, não temos nada contra esta última publicação, que apesar dos seus defeitos, tem também muitas virtudes, principalmente o de ser pioneira no lançamento de novas personagens e também de novos autores portugueses de Banda Desenhada. Também poderíamos falar de «O Amigo da Infância» com 66 anos de existência amorfa e sem qualquer ligação com a juventude da época (e, veja-se, durante três gerações). Mas «O Mosquito» irá não só aparecer na idade de ouro do jornalismo infantil português, como irá ajudar a que ela atinja o seu máximo. António Cardoso Lopes iria cuidar do arranjo gráfico da revista e Rau! Correia da sua parte literária. A colaboração portuguesa é muito pequena, a não ser na parte literária, e mesmo essa, com a ajuda



★ LISBOA, 19 DE AGOSTO DE 1944 ★ ANO 9.º ★

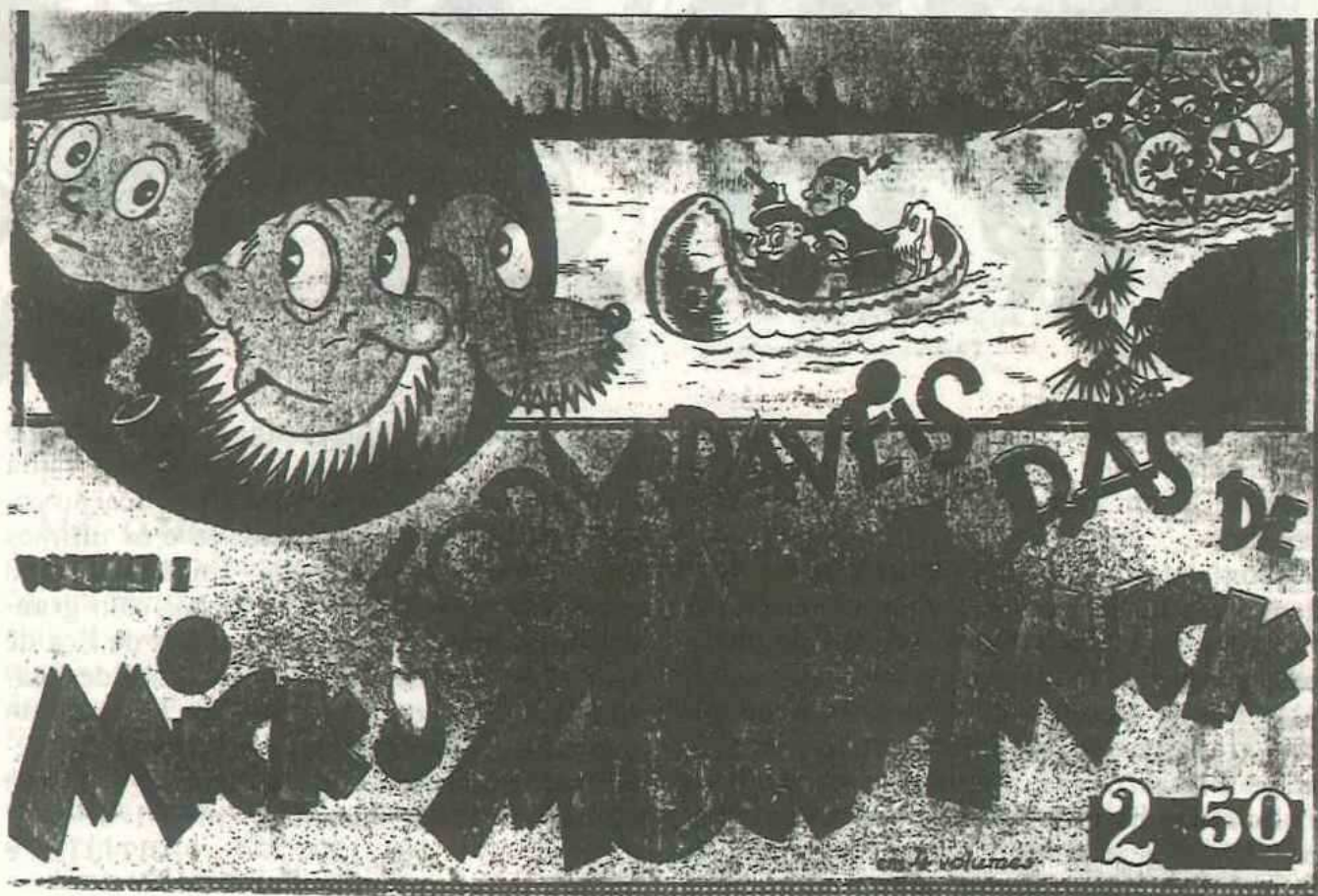


## B. D. portuguesa

de Raul Correia que irá traduzir muitas novelas inglesas, publicadas nos jornais infantis daquele país.

Lúcio Cardador e Orlando Marques são os primeiros colaboradores a surgirem na parte do texto, com muito interesse na elaboração dos seus trabalhos. Ainda hoje os seus contos são lidos com agrado, pela juventude actual e pelos adultos. Cardoso Lopes criou algumas aventuras de «Zé Pacóvio». Uma das melhores fases de «O Mosquito» verifica-se com a entrada de Eduardo Teixeira Coelho para a revista, inicialmente como capista, ilustrador e desenhador de Histórias aos Quadrinhos, mais tarde. Mas estávamos já nos anos 40, pois a revista tinha surgido a 14 de Janeiro de 1936 e esta mudança dá-se seis anos depois do seu aparecimento. Até aqui tinham aparecido nas páginas de «O Mosquito» trabalhos de grandes autores ingleses: Reg Perrot, Walter Booth, Roy Wilson, Colin Merrit e Percy Cocking. Os espanhóis encontravam-se representados por Cabrero Armal e Arturo Moreno.

Vitor Péron, Jayme Cortez, Coelho, Servais Tiago, José Garcês e José Ruy, representavam, e irão manter esse título, posteriormente, a «nata» dos artistas portugueses. Jamais tinha sido possível, no historial da 9.ª arte portuguesa, reunir tal grupo de «gigantes».



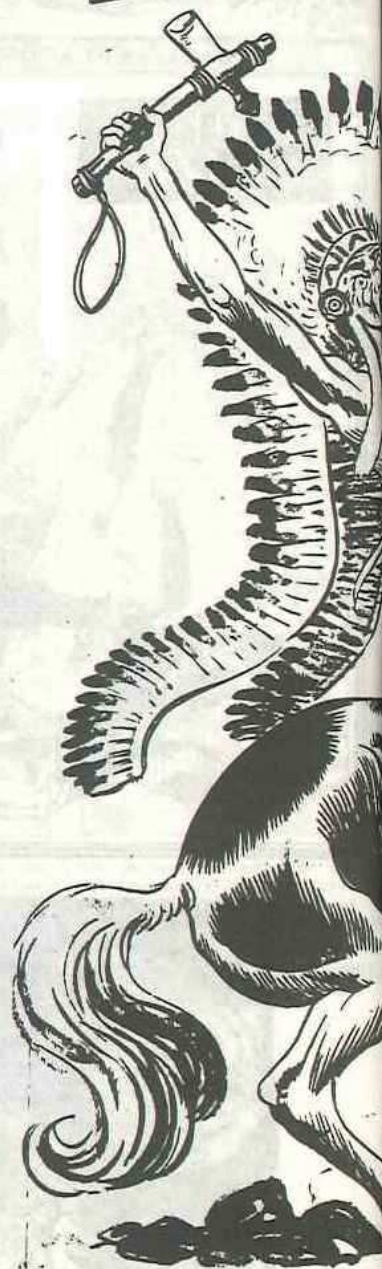
# ALMANAQUE

1945



5 ESCUDOS

OS  
MOS  
FASCICULO  
Nº 1



Eduardo Teixeira Coelho (o «mestre»), iria influenciar todos estes jovens artistas que se notabilizariam como autores de Banda Desenhada.

Monteiro Neves e Ilberino dos Santos surgem mais tarde, como colaboradores da revista, embora não tenham conseguido ultrapassar aqueles.

A Banda Desenhada espanhola aumenta com trabalhos de Emilio Freixas, os três irmãos Blasco (Jesus, Adriano e Alejandro), Puimiquel, Blanco, Mestres, Iribarren, Roca, etc. Surgem agora os artistas americanos: John Lehti, Harold Foster, Darrel McClure,

Dirk, Knerr, etc. José Padinha inicia-se como novelista nas páginas da revista. Com a saída de Cardoso Lopes, em 1948, a publicação começa a diminuir em qualidade e os últimos anos (apesar de Eduardo Teixeira Coelho continuar a colaborar na edição, com grandes obras adaptadas dos romances de Eça de Queiroz), declina a olhos vistos, até desaparecer em 1953 com 1412 números lançados no mercado português. Dezassete anos de sobrevivência e 425 cartas do «Avôzinho». (3). Teve também vários formatos: n.ºs 1/317 — 318/680 — 681/1200 — 1201/1372 e 1373/1412 (4).



### As Edições de «O Mosquito»

Mas «O Mosquito» não se limitou só a editar, semanal e bissemanalmente, os números da sua revista. Em paralelo iria também incluir nas suas páginas o suplemento «A Formiga», destinado às leitoras da revista, que duraria 180 números e seria ilustrado por Eduardo Teixeira Coelho e Jayme Cortez, além de outros autores espanhóis, principalmente da família Blasco. Lançou igualmente o suplemento «Abelha», que surgiria mais tarde na «Colecção de Aventuras».

### B. D. portuguesa

«O Mosquito» publicou também os álbuns «Guerra no País dos Insectos» (5) de Cabrero Arnal, «Ponto Negro», «Cavaleiro Andante» de Arturo Moreno, «Novas Aventuras de Zé Pacóvio e Grilinho» de António Cardoso Lopes (6) e «Viagem Extraordinária do Cão Top» de C. Arnal.

O n.º 681 de «O Mosquito» teve uma separata com uma história completa de Emílio Freixas, com o título «Uma Estranha Aventura». Nos finais de 1947 saíram 4 álbuns mais pequenos com as «Formidáveis Aventuras de Mick, Mock e Muck» de A. Moreno e que tinham já sido publicadas a partir do n.º 1 da revista.

«A Volta ao Mundo» com 72 fascículos (a obra ficaria incompleta), com ilustrações de Eduardo Teixeira Coelho e Jayme Cortez, é outra das suas edições. Este era um romance de Henri de le Vaulx e Arnold Galopin.

No Natal de 1944, foi publicado o «Almanaque de O Mosquito e de A Formiga para 1945», com trabalhos de Vitor Péon e dos Blascos. «O Mosquito» editaria ainda a «Colecção de Aventuras» (130 números), «Mosquito Magazine» (51 números), «Engenhocas» (com desenhos de E. T. Coelho, Guy Manuel e 16 números publicados), «Filma-gem» e «Olá».

Chegou a ter edições radiofónicas: a «Meia Hora de O Mosquito» na Rádio S. Mamede e na Rádio Graça. «O Voo de O Mosquito» seria integrado no espectáculo publicitário do «Comboio das 6 e Meia», no Politeama (e onde o autor destas linhas ganharia, uma vez, uma bola, por se encontrar na cadeira sorteada).

Teve um emblema para os assinantes de revista e lançou nas suas páginas, dezenas de construções de armar.

### As «Ressurreições» de «O Mosquito»

«O Mosquito» voltou ao convívio dos seus leitores, numa 2.ª série, com 30 números (17/11/60), dirigida por José Ruy e E. Carradinha (7). Volta em 14/10/61 com mais quatro números, numa direcção de António da Costa Ramos. A 4.ª série nasce em 31/12/75, com um único número de Fernando de Andrade e finalmente, em 1984/85, sairão mais 12 números, num lançamento da Editorial Futura (dr. Chaves Ferreira). (8).

1 ESCUDO 1

# TIC TAC

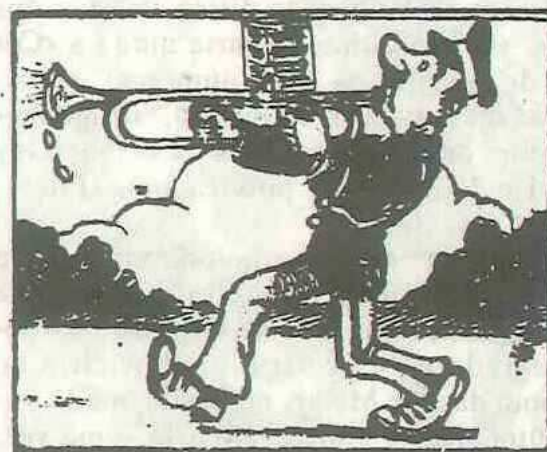
JORNAL INFANTIL



ANO I

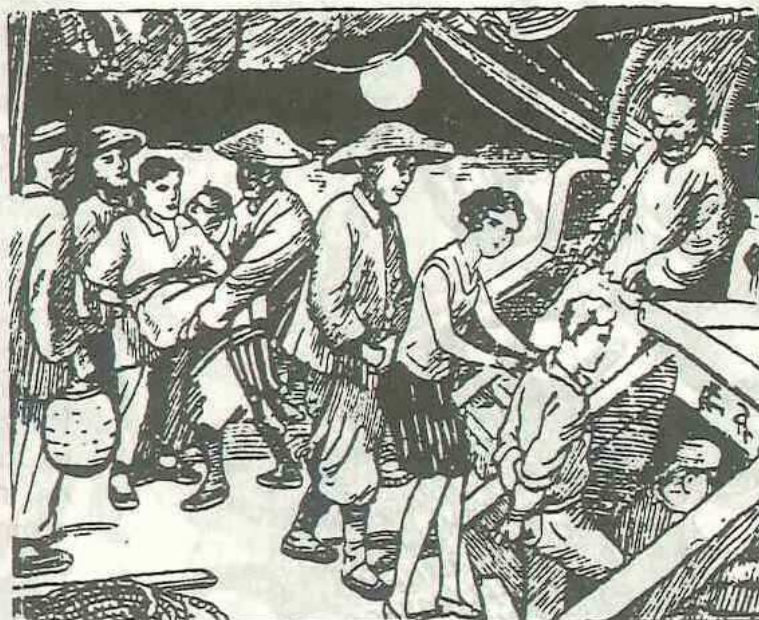
Lisboa, 1 de Dezembro de 1932

N.º 1

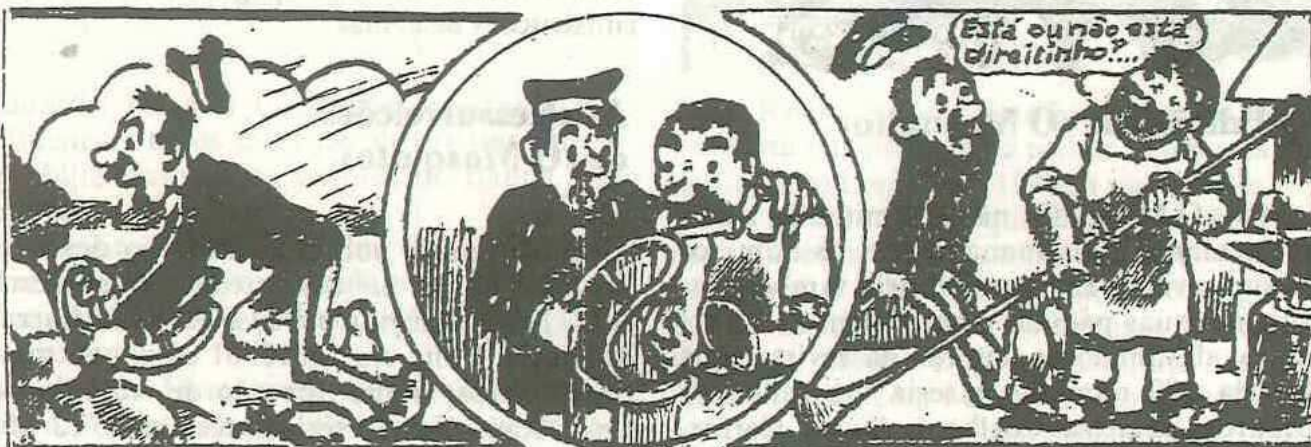


Serapião Barbatanas  
Que estão vendo na gravura  
Natural de Merceanas,  
E um tocador n'alltura!

## AVENTURAS!



Leiam nas pág. 6, 7 e 12 estas interessantes e  
movimentadas aventuras



Um dia p'la estrada fora  
Tocando com sentimento,  
Tropeçou, num pedregulho,  
E amolgou o instrumento!!

O seu compadre Te-nudo  
Ferreiro de profissão,  
Promete arranjar-lhe tudo  
Sem deixar um amolgação.

Dias depois, o ferreiro,  
Junto à bigorna e ao malho,  
Orgulhoso vem mostrar-lhe  
O fruto do seu trabalho,

SAI TODOS OS DOMINGOS

ESCUDO

# TIC-TAC

JORNAL INFANTIL

ANO II LISBOA, 10 DE DEZEMBRO DE 1933 N.º 52

## TÓTÓ E O PILÓTO

Tóto é um pobre cachorro radio que se dá por muito feliz quando consegue roer um ossoinho apanhado em qualquer canto do lixo. Pelo contrário, o Piloto é um cão de guarda a que não faltam boas pa-

parcas e comodidades. Cheio de fome, Tóto namora a caçarola cheia de comida que o Piloto se dispõe a passar ao respeitável lanche. Abençoando a um plano inteligente, o cachorro

começa correndo à frente do Piloto... Este, pretendendo ferrar a dentuça no atrevido, vai, sem querer, enrolando a corda, a estaca a que está preso e portanto afastando-se da caçarola... E como guardado está e locoado para quem

o há-de comer, Tóto apanha uma barriguda de carniça... tão grande que até as tripas puseram lamenárias e bolões à veneziana, coagando o Piloto lança o seu indignado protesto, ladrando em dó sustenido!

O "TIC-TAC" EDUCAÇÃO E DIVERSÃO

### «Tic-Tac»

A revista «Tic-Tac», embora em moldes mais modernos, viria também a ter um lugar importante, como revista infantil de Banda Desenhada. Teria duas séries: a 1.ª com 8 números (1931) a 2.ª com 263 (1932/37). O seu criador seria igualmente Anónio Cardoso Lopes. Tanto uma como outra, são raras. Dificilmente alguém terá esta colecção completa. Pelo menos não conhecemos ninguém. O «Tic-Tac» viria a ter, do mesmo modo que «O Mosquito», emissões radiofónicas na Rádio

Graça (Abril de 1933) e a este respeito, bem como a nível de suplementos, iria haver um certo despique com a revista «O Senhor Doutor», da qual falaremos a seguir. Quando o «Tic-Tac» cria as emissões de rádio, também aquela o irá fazer, no Rádio Clube Português (Julho/33). O «Tic-Tac» fá-lo de novo no Porto (no posto Branco e Irmão) a 7/6/36 e «O Senhor Doutor» resolve fazê-lo na mesma cidade, no posto ORSEG (13/3/37). O «Tic-Tac» promoveu programas no Coliseu (Fevereiro de 33), no Jardim Zoológico e no Luna Parque. Igualmente a segunda revista o fará no Tamariz (Setembro de 33) no Capitólio e no Luna Parque. Quando o «Tic-Tac» criou um suplemento «O Rabanete» (Janeiro de 33), também «O Senhor Doutor» lança um idêntico, o «Fáisca» (Novembro de 35).

O «Tic-Tac» teve uma canção (Abril de 34) e «O Senhor Doutor» teve um hino (Junho de 33). Tratava-se pois de uma autêntica rivalidade, para tentar conquistar mais leitores.

Será em o «Tic-Tac» que aparecerão, pela primeira vez em Portugal, as aventuras inglesas «Pelo Mundo Fora», da autoria de Walter Booth, que tanto sucesso alcançariam na altura.

Em finais de 1935 Cardoso Lopes abandona a revista para fundar «O Mosquito». O «Tio Luís» (Luís Ferreira), continua a sua publicação, ainda por mais dois anos. Além de Cardoso Lopes, Stuart, Rocha Vieira, José Félix, também com o pseudónimo de Jomafe, e Júlio Resende completam o leque dos desenhadores portugueses que executariam trabalhos para a revista, a nível de Banda Desenhada.

Outra série estrangeira de sucesso da revista será «Chang, o Pirata Amarelo» de Collin Merrit. Quanto a outros artistas estrangeiros temos ainda M. Noel (Francês), C. Arnal (espanhol) e outros. Quanto a ilustrações soltas, há várias, de muitos desenhadores portugueses, nomeadamente: Raquel Roque Gameiro, Guida Ottolini, Ofélia Marques, Alfredo Cândido, Nunes Botelho, A. Duarte de Almeida, Olavo de Eça Leal, Júlio Amorim Jr. (9) etc...

Na parte literária a produção portuguesa também é vasta: Fidalgo dos Santos, Raul Correia, Virgínia Lopes de Mendonça, Graciete Branco, Maria Lamas, Odette de Saint-Maurice, Aníbal Nazaré, Olavo de Eça Leal, etc. Estes são alguns dos nomes que adiantamos, embora hajam muitos mais.



## «O SENHOR DOUTOR»

A revista «O Senhor Doutor», quanto a nós, tinha um grave defeito: o seu formato, 38x28 cms. No entanto, conseguiria sobreviver durante 470 números oficiais (embora tenham ainda saído 14 números em folhas soltas e dispersas, que dificilmente poderão ser hoje encontradas). Nasce a 1933, desaparecendo em 1944.

A escritora Laura Chaves seria a autora do hino de «O Senhor Doutor». Teve também um prospecto, reclame em vésperas da saída do n.º 1 da revista. Chegou a ter uma construção de armar com 50 folhas. Duvidamos que alguém a tenha conseguido montar ou guardar.

Carlos Ribeiro, o seu director (depois de o ter sido também nos últimos seis meses da 2.ª série do «Abc-zinho»), colaborava na revista com excelentes trabalhos. Vasco Costa, Stuart de Carvalhais, Mário de Abreu, Ernesto Silva, Oskar (Oscar Pinto Lobo), Tavares Pinto, Ruy Manso, Mário Costa II, António Barata, Emmérico Nunes, Mário Costa, Iberino dos Santos, Valadas, Domingos Carneiro, etc. são os restantes colaboradores pela ordem decrescente de trabalhos apresentados.

As histórias estrangeiras iriam ser várias também, de origem inglesa, espanhola e francesa.

Quanto a ilustrações, o campo português é ainda mais vasto. Além dos nomes já indicados, temos ainda José de Oliveira Cosme, Guedes de Amorim, Ofélia Marques, Baptista Rudy, Júlio Gil, Arcindo Madeira, Vasco Lopes de Mendonça, E.T.C., Jorge Costa (que seria também o autor das construções de armar), etc...

Na parte literária não nos arriscamos a indicar muitos dos seus colaboradores portugueses, para não maçarmos os nossos leitores: Maria Lamas, José de Oliveira Cosme, José Castelo, Aníbal Nazaré, Virgínia Lopes de Mendonça, Graciete Branco, Laura Chaves, Ana de Castro Osório, Henrique Samorano, Carlos Cascais, etc...

«O Senhor Doutor» teve um lugar muito importante na vida dos seus leitores, ao patrocinar concursos, festas e emissões radiofónicas.

# O senhor doutor

UMA ANGA QUE DIVERTE, EDUCA E INSTRUE

UM EPISÓDIO HERÓICO DA NOSSA ACÇÃO EM ÁFRICA: O ESCUDO



**todos os rebeldes**

**BANDEIRAS**  
das tribos de Portugal







**quase todos!**



— Então esse rapaz! — gritou o capitão Albuquerque, correndo para o rebelle, que maltratará o meu pobre irmão. O escudo não é para ser usado assim!

— É para ser usado assim! — respondeu o rebelle, que não estava nem um pouco arrependido. Mas os rebelles não tinham ideia de que o escudo não era para ser usado assim.



O capitão Albuquerque correu a Pérola, lá onde o escudo estava, que estava no seu serviço para o usar de novo. Mas o escudo não estava lá. O capitão Albuquerque correu a Pérola, lá onde o escudo estava, que estava no seu serviço para o usar de novo. Mas o escudo não estava lá.



Uma legião portuguesa se movia através das dunas. Um soldado carregava o escudo de guerra no dorso de uma taboal de madeira, que se levantava por detrás de si, como um escudo. Quando ele se virou, viu que não estava lá. Quando ele se virou, viu que não estava lá.



Esperando o momento, o capitão Albuquerque correu a Pérola, lá onde o escudo estava, que estava no seu serviço para o usar de novo. Mas o escudo não estava lá. O capitão Albuquerque correu a Pérola, lá onde o escudo estava, que estava no seu serviço para o usar de novo. Mas o escudo não estava lá.



Esperando o momento, o capitão Albuquerque correu a Pérola, lá onde o escudo estava, que estava no seu serviço para o usar de novo. Mas o escudo não estava lá. O capitão Albuquerque correu a Pérola, lá onde o escudo estava, que estava no seu serviço para o usar de novo. Mas o escudo não estava lá.

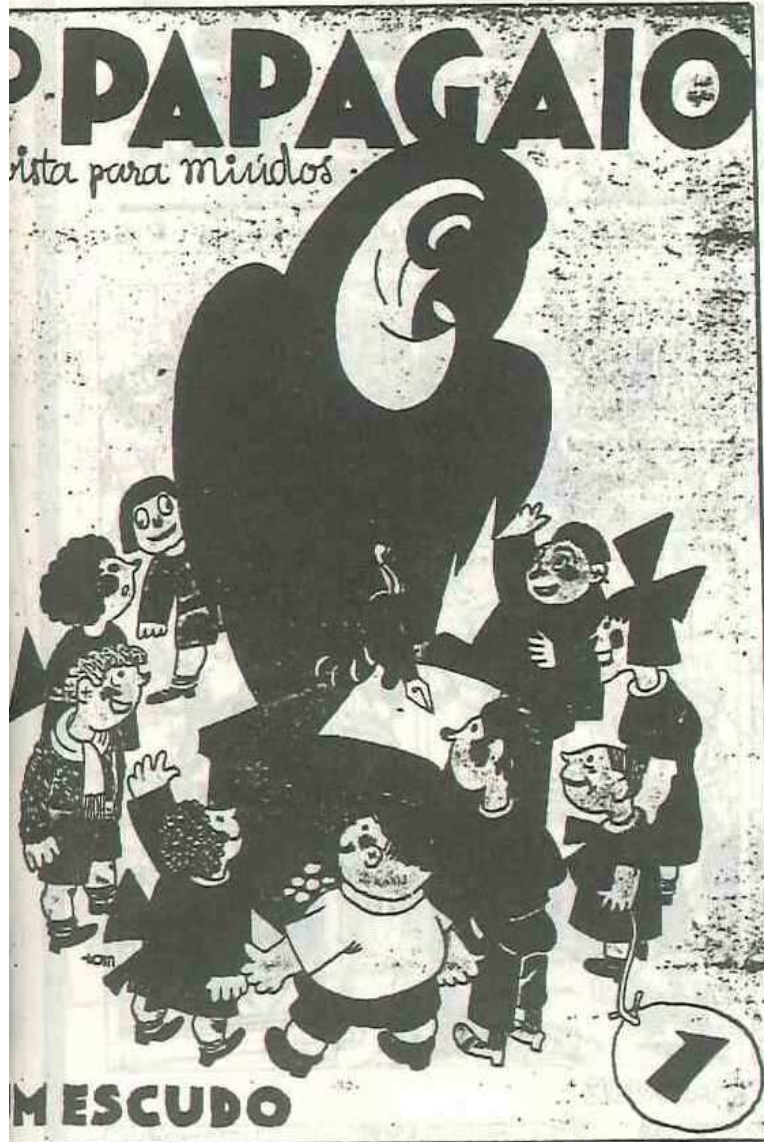


Esperando o momento, o capitão Albuquerque correu a Pérola, lá onde o escudo estava, que estava no seu serviço para o usar de novo. Mas o escudo não estava lá. O capitão Albuquerque correu a Pérola, lá onde o escudo estava, que estava no seu serviço para o usar de novo. Mas o escudo não estava lá.

## «O PAPAGAIO»

Outra das revistas importantes da Banda Desenhada portuguesa seria «O Papagaio». Terá a maior longevidade, das que apresentaremos na década de trinta (com excepção de «O Mosquito»), mas terá muito maior colaboração portuguesa. Seria também aqui que surgiriam, na sua juventude, grandes desenhadores portugueses, embora muitos deles tivessem desistido de continuar a produzir Banda Desenhada ou morressem. Como exemplo, recordamos: Sérgio Luís, Guy Manuel (por morte, muito novos), Meco (que se dedicaria aos vitrais e a outras actividades), Júlio Resende (que escolheria a pintura), José Viana (que optaria pelo teatro), Ruy Manso (que se entregaria à Publicidade), Rudy (que passaria a executar para o teatro cenários e guarda-roupas), etc.

«O Papagaio» possui, como recorde, o lan-



çamento das aventuras de «Tintin» em Portugal, devido ao esforço do seu inicial director, Adolfo Simões Müller. Quase sem cortes e com muito pequenas mutilações, as histórias de «Tintin» de Hergé, seriam apresentadas ali na íntegra e nos seus desenhos originais, desde o n.º 53 (16/4/36) da revista até ao n.º 540 (16/8/45).

«O Papagaio» surge pela primeira vez em 1935 e desaparece depois de 722 números publicados (1949). O seu director teria também o nome ligado, durante muitos anos (precisamente uma vida), à criação e direcção de revistas infantis.

No início, esta publicação oferecia muito pouca Banda Desenhada. A maior parte das suas páginas estava essencialmente reservada à parte literária. Mais de cem nomes povoam essas páginas. Vamos só salientar alguns deles: Padre Moreira das Neves, Adolfo Simões

Müller, António Gonçalves, António Botto, Marília Cabral, José de Lemos (que também desenhava), Maria Archer, Aníbal Nazaré, Virgínia Lopes de Mendonça, Acácio de Pava, Guedes de Amorim, Silva Tavares, António Feio, Teresa Leitão de Barros, Maria Amélia Barcia (que possuía um estilo idêntico ao de Adolfo Simões Müller), José de Oliveira Cosme, Odette Passos de Saint-Maurice, Etelvina Lopes de Almeida, Laura Chaves, José Castelo, Olavo de Eça Leal, dr. Artur Varatojo, Carlos Cascais, Roussado Pinto (a sua primeira colaboração), Reinaldo Ferreira (Repórter X) que na revista assinava como Néor X.

Quanto aos seus desenhadores, o campo também é vasto: Tom, José de Lemos, Margarida, Vasco Costa, Vasco Lopes de Mendonça, António Resende Dias, Júlio Resende (10) (que também usaria o pseudónimo de Dyas), Arcindo Madeira, Baptista Rudy, Sérgio Luís, Guy Manuel (dois irmãos e filhos do escultor e professor Luís Fernandes Carvalho e Reis), José Viana, Meco e finalmente José Ruy, Rodrigues Neves, Vitor Péon, Jorge Brandeiro, Vitor Silva, Artur Correia, Fernando Correia, etc.

Salientamos de todas estas obras o «Boneco Rebelde» de Sérgio Luís, pelo valor artístico e didáctico da obra, se verificarmos que se tratava de um trabalho da autoria de um rapaz de 17 anos.

De qualquer modo, «O Papagaio» iria desempenhar um papel importante no desenvolvimento das qualidades artísticas dos seus leitores, já que não regateava qualquer trabalho que os seus autores, embora jovens, ali quisessem publicar, desde que oferecessem, claro está, um mínimo de qualidade (11).

### «MICKEY»

Embora tenha sido uma revista onde não encontramos produção nacional, ela é aqui salientada pelas suas grandes dimensões 45×30 cm, pela sua qualidade gráfica e de colorido para a época e também por ter sido a primeira revista infantil portuguesa a incluir nas suas páginas, as excelentes páginas dominicais dos jornais americanos, de grandes desenhadores da época: Walt Disney, Knerr, C.D. Russell, Brandon Walsh, Afonsky e Alex Raymond.



«ACÇÃO INFANTIL»

Existiram alguns jornais que adoptaram o nome de «Acção». Um dos mais importantes seria o que se publicaria de Maio de 36 a Outubro de 37. Nele iriam colaborar como desenhadores, José de Lemos, José Videira, Vasco Costa, Jorge Barradas, etc.

De Abril de 41 a Dezembro de 42 sairia uma nova «Acção», onde voltariam a colaborar os desenhadores já indicados e também Emmérico Nunes, Olavo de Eça Leal, Júlio Gil, Alfredo Cândido, etc.

No campo do jornalismo infantil sairiam unicamente cinco exemplares da «Acção Infantil» (1941), onde encontraríamos trabalhos de José de Lemos (texto e desenho), Tom, Guy Manuel, Adolfo Simões Müller (texto), Alfredo de Moraes, etc.

«JORNAL DA MOCIDADE PORTUGUESA»

A primeira fase do «Jornal da Mocidade Portuguesa» (12), embora se tratasse de uma revista de grande formato e com muitas reportagens fotográficas, pouco ou nada das suas páginas viria a oferecer à Banda Dese-



Apesar de ter publicado apenas 58 números (1935/36), teve vários directores: Alice Ogando, infelizmente já desaparecida, foi também directora da revista, e uma das escritoras mais lidas e divulgadas.

«O GAIATO»

Vem, pois, a propósito recordar também «O Gaiato» (1935), de que Alice Ogando seria a directora e proprietária. Também aqui iriam colaborar na parte literária grandes escritores portugueses: Acácio de Paiva, Maria Lamas, Aquilino Ribeiro, Olavo de Eça Leal, Alice Ogando, etc.

No que respeita à parte gráfica, vamos salientar também três nomes: Roberto Araújo (um excelente cenógrafo), Álvaro Cunhal, que iria escrever e também desenhar na revista, sendo um dos seus assíduos colaboradores, e Júlio de Sousa (escultor, cenógrafo, compositor). Durou unicamente 9 números.

ACÇÃO Infantil

LISBOA, 14 DE AGOSTO DE 1941

O MENINO, O ANJO E A ILHA MUITO LINDA, NO MEIO DO MAR

Com o desenho de JOSÉ DE LEMOS

Illustrated page from 'ACÇÃO Infantil' featuring a story by José de Lemos, a drawing of a boy and an angel, and various smaller illustrations and text blocks.

nhada. No entanto, cumpre-nos informar que nos seus 67 números publicados (desde 1937 a 1940), iremos ainda encontrar pequenos trabalhos de Emmérico Nunes, Almada Negreiros e Vasco Costa.

### «O PIRILAU»

Ao preço de 50 centavos, com 12 páginas (mais tarde só 8), «O Pirilau» durou pouco mais de um ano. O n.º 1 saiu em 4/11/39 e o n.º 63 (último) a 11/1/41. Esta revista teria como ponto de interesse, a nível do historial das revistas de Banda Desenhada, portuguesas, o de ser a pioneira no lançamento das tiras diárias americanas. Publicaria nas suas páginas o «Secret Agent X-9» de Alex Raymond, «Brick Bradford» de Clarence Gray,

«Lone Ranger» de Charles Flanders e «Fantasma» de Ray Moore. Infelizmente a apresentação destes «heróis» americanos, era feita de um modo pouco brilhante, já que as tiras eram reduzidas, recortadas, remontadas e acompanhadas de extenso texto, não beneficiando em nada a qualidade daqueles trabalhos. «O Faisca» daria o mesmo tratamento aos «comic-books» que iria incluir a partir de 1941. Mas oportunamente falaremos disso.

Pinto de Magalhães e Magalhães Filho eram os principais ilustradores da revista. O primeiro criaria «Zé Patola e Celorico» (numa imitação das personagens inglesas «Serafim e Malacueco»), que surgiriam logo a partir do n.º 1. O resto do material é quase todo de origem francesa, ou pelo menos era adquirido em França através da Agência Opera Mundi. «Popeye» e «Os Sobrinhos do Capitão», em

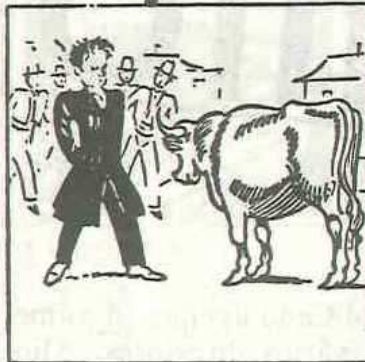
## as aventuras do Caspa e Botino



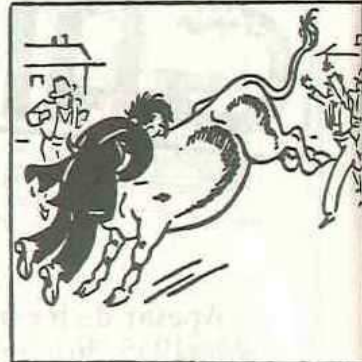
I — O CASPA NÃO DEIXA OS SEUS CREDITOS POR MAOS ALHEIAS. CHEGADO AO LICEU FEZ-SE RODA A SUA VOLTA PARA LER OUVIR AS AVENTURAS.



II — COMO SE PODE VERDADE... O CASPA DESCRIBE A GRANDE TARDE DE VILA FRANCA COM O BEMOLALÃO ENFIADO NA GAFIA... OS «PASSOS» SUCEDEM-SE E OS APFICIONADOS DELIRAM!



III — ÁVIDO DE SENSACÕES «DORAS», BATE AS PALMAS AO BLOCO, COM AR DOMINADOR, PERANTE A EMOCÃO DA ASSISTÊNCIA...



IV — O BICHO AJURANDA E O «VALENTE» ENCALÇA-SE COM A PERÍCIA DOB FORCADO DA FELNA GUARDA UM SUCESSO! UM TRIUNFO!!!



V — E POR ASSIM QUE O «CASPA» CONTOU AOS COLEGAS A FACANHA DE VILA FRANCA E COM TAL VERDADE O FEZ QUE O LETARAM AOS OMBROS COMO UM AUTÓNTICO HERÓI.



VI — MAS O RAPAZ DA «M. P.» QUE O SALVARA DO «APERTO», DEIXOU PASSAR O CALOR DA MANIFESTAÇÃO E DIZ-LHE ESTE CONSELHO: — OBI VELJUNTO TEM JUÍZO, NÃO MONTAS MAIS SENAO... PONHE-TE A CALVA A «VIZITA»!



VII — O NOSSO NOMEZ PICOZ ENTÃO A PENSAR NA OMBROSIDADE COM QITE O FEZ SALVARO SE CONDUZIRA PARA OMB ELE.



VIII — ...E FOI-SE DEPOSITAR NUM BANQUEIRO NO ALTO DE SANTA CATARINA, A VER OS BARCOS AO TELJO E A COMPARAR A ESCURIDÃO DA SUA CONSCIÊNCIA COM A CLARIDADE DAS ÁGUAS DO RIO.

História aos quadradinhos de Enumérico Nunes no n.º 7 do «Jornal da MP» (1938)

12 PAGINAS PROFUSAMENTE ILUSTRADAS COM AVENTURAS -- P. N.º

50 cts.

# O Pirilau

LEITURAS INFANTIS — HENRIQUE TORRES, Editor — Rua de S. Bento, 279 - Lisboa - Tel. 6 0530



**AVENTURAS DE  
NIC-PERY-CUT  
O PENÚLTIMO  
DOS DETECTIVES**

**JOÃO MARIA  
MOÇO DE BORDO**

**O AGENTE  
SECRETO  
PORTUGUÊS**

**ZÉ PATOLA E CE-  
LORICO!**

**OS TUAREGS DO  
DESERTO**

**¿ NÃO SABIA QUE?...  
A DAMA NEGRA, ETC.**

## Dyck, campeão do Texas



Neste jogo conhecido  
Qualquer pode dar quinqué



Desde que acerte no sítio  
como tenta o Pirilau



E o Senhor Zé Teolani  
Quere também experimentar



Caminha todo liro  
l'ra afinal não acertar



Ah tu ris! Ora veremos  
Hás-de ficar sem caveira



É de antemão vai gozando  
O fantástico do Zé Pereira



Trolaró vendê-lhe os albos  
E abre a porta em seguida



Rindo-se já, satisfeito,  
Da endiabrada partida



Mesmo no sítio rotunilo!  
O rabo se vai espetar,



Do hortelão furilundo,  
Que dá um pulo no ar!



Ah! Pandido! Ah! Canaila!  
Hás-de morrer de papeira



E o Zé Pereira paga «conta»  
Por ter caído na asneira.

**AVENTURAS, ESPIONAGEM, VIAGENS, CAÇADAS, COW-BOYS, CONTOS COMICOS**



páginas dominicais remontadas, foram, também, incluídos na revista.

Calvett de Magalhães era o director, juntamente com Pinto de Magalhães, tendo colaborado literariamente nas suas páginas.

## «JOANINHA»

Com a direcção de Maria Lamas, a «Joaninha» era inicialmente uma revista, surgindo o seu primeiro número em 3/2/36. Custava 1\$00, tinha 20 páginas, era impressa a uma cor, excepto a capa e a contracapa. Era uma publicação quinzenal. Inicialmente só apresentava fotografias e ilustrações, além de textos. «Joaninha» possuía também uma canção. Na contracapa encontramos uma personagem a imitar a «Bécassine», com o nome de «Chica Pardoca», de Fernando Carlos. A partir do seu n.º 25, a «Joaninha» passa a ser incluída na revista «Modas e Bordados», todas as quartas-feiras, como suplemento. Só tem textos e ilustrações, com quatro páginas a uma cor. O seu formato inicial era de 28×20 cm, passando para 32×22 cm a se-



guir. A personagem «Chica Pardoca», volta de novo. Rocha Vieira executa algumas ilustrações para o suplemento, bem como Guida Ottolini. «Chica Pardoca» tem muitas ausências, surgindo apenas de vez em quando. Na parte literária encontramos o nome de Fernanda de Matos e Silva, Virgínia Lopes de Mendonça, Maria Adelaide Macedo Correia, Maria Lúcia, Teresa de Ávila, Maria Evelina, Miriam, Maria Isabel de Bragança, etc.

Fernando Carlos colabora até 1940 com ilustrações. Fernando Bento (1943) colabora no suplemento com ilustrações, bem como Meco (1945), Laura Nogueira (1946), Maria Arlete Pereira Caldeira (1946). A partir do n.º 478 a «Joaninha» passa a incluir nas suas páginas o resumo de filmes.

Fernando Bento irá ilustrar, a partir do n.º 610 da «Joaninha», o romance de Alice Ogando, «Cinco Brancos e um Preto».

Vasco (1947) e Maria Almira (1947) ilustram a «Joaninha». A partir do n.º 722 o suplemento terá outra apresentação gráfica. A

directora também tinha mudado para Etelvina Lopes de Almeida a partir do n.º 610.

Manez desenha uma história, «Little Annie Rooney», de Darrell McClure, faz a sua aparição, bem como «Felix, the Cat», de Otto Messmer. O suplemento possuía agora doze páginas, num formato de 19×13,5 cm. Vítor Silva inicia a sua colaboração, a partir do n.º 728 (1950). Garcês colabora a partir do n.º 731. As capas são de Vítor Silva, Garcês e Meco. Este também executa ilustrações.

Na parte literária encontramos ainda Ilda Correia Leite, Maria de Santo António, Virgínia Lopes de Mendonça, Gonçalves Miranda, etc.

Nas ilustrações surge também Baltazar. José Garcês executa nesta publicação muitas Histórias aos Quadrinhos, de excepcional interesse. Maria Manuela Torres (1951) irá dar também a sua colaboração à revista.

A partir de 1955, «Joaninha» altera o seu formato de novo, para 29,5×20,5 cm, com

oito páginas. Garcês continuará sempre a produzir uma a uma, as pranchas que vão sendo publicadas. José Bernardo faz ilustrações, bem como Carlos Roque (excelente). A partir do n.º 1152 volta a publicar duas páginas de «Little Annie Rooney». Garcês também executa desenhos, bem como Ricardo Neto. «Diana, A Menina Só», de Le Rallic (autor do «Capitão Flamberge»), é uma das melhores histórias estrangeiras que a «Joaninha» irá publicar. Na sua última fase, «Joaninha» deixa de ter colaboração portuguesa. Só a última página é destinada à Banda Desenhada. Outra grande novidade na «Joaninha» será a publicação de «Pom et Teddy», de François Craenhals. Conhecemos o n.º 1755 de 31/1/68. É natural que tenha acabado aqui.

Resta-nos agora apresentar mais algumas revistas de Banda Desenhada, que iriam ser lançadas no mercado português, durante esta década, além dos suplementos de jornais e revistas.

Foram elas:

«O Bebê» (1930/1932); «Cantinho da Pequenedade» (1930/37): tratava-se da secção infantil do «Portugal Feminino» e possuía desenhos de Tom e de Vasco Lopes de Mendonça, com Virgínia Lopes de Mendonça como directora; «O Pirolito» (1931/34), editado no Porto; «O Infantil Ilustrado» (1931/38), com 112 números, numa edição de Setúbal; «Página Infantil do Sempre Fixe» (1931), iniciada no n.º 261 daquele jornal (entre 20/5/31 a 5/8/31): traz as aventuras de «Quim e Manecas», de Stuart; «Página Infantil do Diário de Lisboa». Era o suplemento do «Sempre Fixe», que continuara aqui de 17/8/31 a 26/8/39 e trazia também as «Aventuras de Quim e Manecas»; «Era Uma Vez» (1933), página infantil da revista «Actualidades»: conhece-se o n.º 1, tinha desenhos de Tom; «Topa Tudo» (1935), com quatro números; «O Amigo dos Animais» (1936): era editado pela Sociedade Protectora dos Animais e conhece-se o n.º 1; «Comboio», de 1/1/38 até 16/5/38, com oito números publicados; «República Infantil», suplemento do jornal «A República» (n.º 1 datado de 7/1/38): tem a direcção de Luís Ferreira e desenhos de Fernando Bento e conhecem-se números até 1939, mas é natural que tenha durado mais anos; e «Rim-Tim-Tim», de 5/6/39 a 2/8/39, com seis números publicados e a direcção de Oskar (Óscar Pinto Lobo).

ANO I LISBOA, 7 de Janeiro de 1938 N.º 1



Direcção de Luiz Ferreira (TIO LUIZ) Desenhos de Fernando Bento

**Carta aberta a todos os pequeninos leitores de "República"**

*Queridos pequeninos*

Como eu dirigi este jornal e a sua vida antes que em muitas longas horas, horas, em infinitas e repetidas de todas as histórias, um livro, muito grande, cheio de aventuras e um sorriso permanente a brincar-me nos lábios com cartão de visita. Se não me esquecer, eu faço a minha apresentação... Já muito pequeno, todo o meu afecto vai para o pequenino leitor que me procura sem consternamento e que se em mim um companheiro de estudo e de recreio. Não sou um tio rubicundo, mal humorado, sempre a rir ou a ameaçar com lapetões papéis... Pela contrária... A minha velhice, serena, calma e selectiva, é um dia de sol sem fim onde os meus queridos sobrinhos se encontram a vontade como a princesa dentro de um... Nada de cerimónias, nem de prazos protocolares. Sómente cria a todos os sobrinhos, como garantia para uma luz e intensa camaradagem, uma simpática compreensão de sempre, isto é, que tenham juízo e coragem fresca, não arreliando as máscaras e na paz, a quem devem obediência, respeito e amor. Sendo assim, esta revista da «República» está sempre às vossas ordens, com as partes bem friccionadas... A qualquer hora do dia ou da noite, se bater um ferrolho — «abre-se» — e entrar. Já me entusiasmo, com as vossas boas notícias, sobretudo a ligeira breia, pronta e decidida, todas as vezes interessantes, a adivinhar todas as requisições, a certeza que não vou ser em nada...  
E os meus queridos! Está, o prazer de lá um abraço muito agradável para o caso muito amigo

Tio Luiz





## Os construtores de sonhos

**ADOLFO SIMÕES MÜLLER (1910/—)**  
Director de revistas infantis e escritor

Adolfo Simões Müller dirige o seu primeiro jornal infantil com «O Papagaio» (1935). A partir daqui, as publicações multiplicaram-se de uma forma fora do vulgar. Seguem-se o «Diabrete» (1941/51), o «Cavaleiro Andante» (1952/62), «O Foguetão» (1961) e «Zorro» (1962/66). Em paralelo, muitas outras edições do «Cavaleiro Andante» terão a sua direcção: «Obras-Primas Ilustradas» (1956/57), «Álbuns do Cavaleiro Andante» (1954/63), «Colecção Alvo» (1959/61), «João Ratão» e «Oásis».

Müller foi sem dúvida, não só um descobridor de talentos (vejam-se os vários que surgiram em «O Papagaio» e Fernando Bento em «Diabrete»), como também iria introduzir em Portugal um leque de personagens célebres da Banda Desenhada de origem estrangeira: «Tintin», de Hergé; obras de Caprioli; «Astérix», de Goscinny/Uderzo; «Lucky Luke», de Goscinny/Morris; «Blake e Mortimer», de E. P. Jacobs; obras da família Blasco, que serão mais tarde lançadas em «O Mosquito» (será aqui que surgirá pela primeira vez o «Cuto», de Jesus Blasco); trabalhos de Emílio Freixas e muitos outros das escolas franco-belga, italiana e espanhola. Não nos podemos esquecer também das suas várias adaptações das obras de Júlio Verne, que seriam transformadas em Histórias aos Quadrinhos pela pena de Fernando Bento.

Adolfo Simões Müller é, também, um excelente escritor para os mais novos, tendo adaptado para a juventude a biografia de figuras célebres, não só portuguesas como estrangeiras.

**RAUL CORREIA (1904-1985)**  
O avôzinho...

Raul Correia iria colaborar inicialmente na revista «Tic-Tac». A partir de 1936 e por convite de António Cardoso Lopes, foi o director literário da revista «O Mosquito», executando naquela as tarefas de tradutor, escritor, argumentista de Banda Desenhada, respondia às cartas dos leitores, fez poemas e adaptou as

obras de Eça de Queiroz à Banda Desenhada, um trabalho que Eduardo Teixeira Coelho iria desenhar, de uma forma magistral, como sempre. Todos os seus textos, mesmo as traduções das séries de Banda Desenhada inglesas (estas eram normalmente acompanhadas de um extenso texto em rodapé), eram enriquecidas pela sua prosa suave, poética, alegre e também por um belo vocabulário.

Raul Correia desempenhou a tarefa de director de «O Mosquito» durante 17 anos, nunca esmorecendo com os dissabores ou problemas que a revista viesse a acarretar-lhe. A partir de 1948, tornou-se seu proprietário, ao adquirir a parte de Cardoso Lopes. Desempenharia depois a tarefa sozinho durante mais cinco anos.

Raul Correia fez emissões radiofónicas para a revista «Tic-Tac» e também para «O Mosquito». No Rádio São Mamede iria criar a personagem patusca e cômica, que seria o «31», soldado recruta a quem, pela sua ingenuidade e falta de esperteza, aconteciam as mais mirabolantes peripécias, para gáudio do público ouvinte.

Nos anos 70 e no «Jornal do Cuto», voltaria a surgir nas suas páginas «O Cantinho de um Velho», ao qual Raul Correia iria fornecer muito do seu talento de escritor e poeta. Mais tarde, as «Histórias do Avôzinho» seriam editadas em oito livros, com desenhos de Carlos Alberto.

Raul Correia, a partir de 1961, dedicaria-se às traduções e também a escrever contos e novelas.

**DR. ARTUR VARATOJO (1926/—)**  
O escritor policial

O dr. Artur Varatojo é essencialmente conhecido como uma pessoa das letras, dedicado à literatura policial (da qual é um excepcional estudioso). Mas independentemente de ter colaborado na rádio durante 24 anos, além de ser o autor de mais de 500 programas de televisão, durante os oito anos em que ali trabalhou, é também um argumentista de Banda Desenhada e escreveria muitos contos, nas revistas infantis da época.

Iniciar-se-ia em «O Papagaio» com 14 anos. Mais tarde continuaria a desenvolver os seus dotes de escritor, nas páginas da revista. Criaria argumentos para Histórias aos Quadrinhos, que seriam desenhadas pelo An-



Apanhado o adversário desprevenido, entre dois saltos furiosos, cravou-lhe a espada num braço ao mesmo tempo que lhe dizia:

— Este é por minha mãe, vilão.  
— Como pela ira, Henrique de Cobur, perdeu todo o ânimo e atacou como um possesso.  
— Calmo, Gil, operava-lhe todos os botes e respondia:

com outros de igual temeridade. Não derrotou muito que lhe não golpeasse uma orelha, e daí lhe fazendo saltar.

Ambos sangravam já, mas o português não perdeu o bom humor e ao tocar-lhe a orelha gritou por entre dois botes, e a sua voz tinha bem o tom metálico, como o tinar do ferro das espadas:



— Come para os meus cães, nobre Cobur.

— Morrerá antes de o fazeres.

Continuaram atacando e esquivando-se aos golpes do adversário, enquanto largos de suor lhes perlavam os rostos, incendiados pela ira.

Defendendo-se de dois ataques temerários, Gil ripostou num um bote formidável sobre o adversário e num golpe



certeiro, ao mesmo tempo que lhe desviava a espada fazendo-a revelar pelo aço da sua, trespassou o peito do inimigo, com uma fúria tremenda.

O grito entrecortou-se, a sua boca teve um esgar intraduzível, de raiva ou agonia, a mão já sem forças largou o punho da espada que caiu tinindo sonoramente no ladrilho da sala, num édore de fúndos pelo dono



que há tão pouco tempo a empunhara. Antes do corpo cair para a frente, inerte, Gil punçou a lâmina tonta de sangue do peito do adversário.

Estalinho murmurou algumas palavras que talvez ninguém lhe ouvisse:

— Vinga-vos!



Como prometera, trocou as cores negras do seu penão e das suas armas, pelas mais garridas e de variada diversidade.

Essa na verdade um regresso, envolvido de soberbas vitórias, aquele seu à herética vila de Trancoso.

tónio Barata em «O Faísca», e pelo José Manuel Soares no «Cavaleiro Andante». José Ruy, Carlos Alberto Santos e Eugénio Silva irão colaborar na revista «Crime», ilustrando muitos dos seus textos.

O seu melhor trabalho será, sem dúvida, a adaptação da obra «A Ala dos Namorados», que além de ser publicada na revista «Cavaleiro Andante» em Banda Desenhada, seria também ouvida na rádio, como folhetim.

Hoje, a Livraria Civilização, edita as suas obras policiaes.

### HENRIQUE SAMORANO

( /1934)

O Jovem

Henrique Samorano estreou-se na literatura infantil, em 1931, no «Abc-zinho» e na «Página Infantil do Diário Lisboa», tendo ra-

pidamente atingido um relativo sucesso, apesar da sua juventude. Ainda que inicialmente se tenha dedicado mais ao tema do patriotismo, acabará mais tarde por se debruçar no conto policial. Nas emissões radiofónicas de «O Senhor Doutor», interpretava a figura do menino «Tonecas», o aluno mandrião das «Lições do Menino Tonecas», da autoria de José de Oliveira Cosme. Fez reportagens e no «Diário de Lisboa» tratava da crítica desportiva do basquetebol. Morreu muito novo, em 1934.

## Os desenhadores portugueses

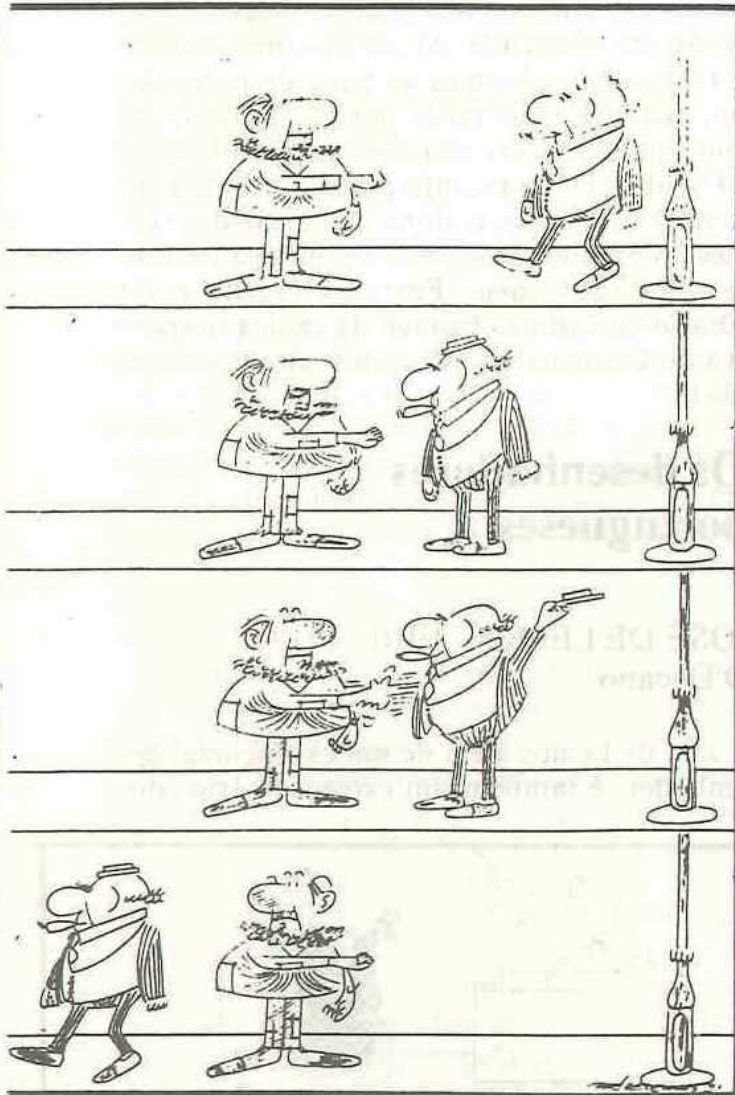
JOSÉ DE LEMOS 1910

O Decano

José de Lemos além de um excepcional desenhador, é também um extraordinário con-



Um «cartoon» de José de Lemos



tador de histórias para crianças. O seu campo artístico é tão vasto, que dificilmente conseguiremos indicar aqui, toda a sua vasta produção sobre os dois temas.

Embora os seus trabalhos se iniciem mais cedo, para nós, José Neves de Lemos possui uma maior produção a partir da altura de «O Papagaio».

Em 1927/28 vamos encontrar já alguns «cartoons» e Histórias aos Quadrinhos no «Sempre Fixe» e na «Cinegrafia» (1929). Nos anos 30, a sua produção evolui: «Kino» (1930), «Semana Ilustrada» (1932), «Imagem» (1933), «Ribalta» (1933), «O Papagaio» (1935), «O Tiroliro» (1937), «Acção» (1941), «Acção Infantil» (1941), «Panorama» (1941), etc., são revistas para onde trabalhou. A partir daqui José de Lemos dedica-se essencialmente à «Página Infantil» do «Diário Popular», iniciada em Outubro de 1942. José de Lemos tem dado o maior contributo de sempre, como desenhador e autor de histórias pa-

ra crianças, com os seus desenhos, criados de uma forma única e inigualável. Várias gerações têm-se deliciado com as suas obras. No «Diário Popular» criou as rubricas «Hoje há Palhaços», «As Distracções do Doutor Sabichão», «Os Artistas de Palmo e Meio» e «Pimba». José de Lemos tem executado também ilustrações para livros infantis. E é um autor premiado de cinco obras de literatura para crianças. Também se dedica à pintura a óleo e ao desenho a tinta-da-china.



As caixas de madeira, contendo aquêlê fabuloso tesouro, foram embarcadas de noite com as maiores precauções, sob a vigilância de dezenas de policias armados de pistolas metralhadoras. E, ao amanhecer, o «Red Eagle» levantou vôo com



rumo à Europa Açores. Até por tudo correu bem cômico Henley de apendicite. E companheiro se



abeiro. Raúl de Sousa, para quem a mecânica não tinha segredos e que falava correntemente o inglês.

Raúl de Sousa era um rapaz simpático e alegre que conquistou facilmente a estima dos seus colegas americanos. Quando o avião se ergueu novamente no

espaço, o seguimento de Raúl. E o avião por ao lado de Fre. Assim ocasião menores da n ignorava deixo

## RUDY (1912/1956)

Manuel Joaquim Batista seria essencialmente o cenógrafo de teatro, de Vasco Morgado e Eugénio Salvador. Quando novo, entraria para a Bertrand, para aprender fotografia. Em 1936 executa algumas ilustrações para «O Papagaio» e «O Senhor Doutor».

Pinta aguarelas (a sua especialidade), a óleo e a pastel. Ainda em «O Papagaio», executa várias capas e Banda Desenhada, até 1943.



Quando escala pelos  
costa portuguesa,  
nôbito, porém, o me-  
ta crise fulminante  
Rudo que o estado do  
asse. Fred resolveu



aproveitar a paragem em Lisboa, para o  
deixar internado num hospital. O piloto  
do «Red Eagle» pediu então às autorida-  
des portuguesas que lhe indicassem um  
mecânico que pudesse substituir Henley.  
Foi-lhes apresentado um jovem enge-



o aproveitou a pre-  
descansar um pouco.  
tomou, então, lugar  
cujá percia teve  
mirar. Alguns por  
do trunetor que  
a pouco de 'er



segredos para êle, tal era a ânsia de saber  
e tão bom o mestre que tinha ao pé de si.  
Horas depois, quando sobrevoavam já a  
França, Raúl de Sousa foi, por sua vez,  
descansar ao lado de Pilgrim, na cabina  
reservada aos mecânicos.

Continua

## ARCINDO MADEIRA (1915/ )

A primeira colaboração de Arcindo Augusto da Silva Madeira verifica-se em 1930, no «Abc-zinho». Em 1931 trabalha para o «Pim-Pam-Pum!». Seguem-se «Gazeta de Domingo» (1932), «Repórter de Coimbra» (1933), «Imagem» (1934) e «Sempre Fixe» (1934). Em 1936 chega à sua emancipação artística, com mais ilustrações para «O Papagaio» e «O Senhor Doutor». No primeiro iria também desenhar Histórias aos Quadrinhos. De 1938 a 1939 volta ao «Pim-Pam-Pum!», onde irá criar a melhor das suas obras. Em «A Risota» colabora com «cartoons». Também colaborou com ilustrações para o livro «A Bolinha Mágica» de Augusto de Santa Rita.

Depois é um nunca mais acabar de trabalhos para jornais, dos quais salientamos alguns: «Ginásio» (1936), «Renascença» (1937), «O Canudo» (1937), «O Século Ilustrado» (1938), «Diário do Alentejo» (1936), «Diário de Notícias» (1938), «O Liberal» (1935), «Turismo» (1949) e «Primeiro de Janeiro», para onde executa muitos trabalhos. Em 1941 emigra para o Brasil. Em 1959 esteve entre nós.

Salientamos ainda o «Suplemento de Domingo» de «A Província de Angola», «Gazeta de Domingo», «Yo-Yo», «Risota», «Sempre Fixe», etc.. Usou os anagramas de Dinarco e Cinardo.

## MECO (1915/1957)

Uma das sinas de alguns dos nossos grandes desenhadores é o de morrerem novos e... por afogamento, como também sucedeu com Meco.

António Serra Alves Mendes é o autor de capas para livros e de muitas ilustrações, com o pseudónimo de Meco. É um artista versátil. Trabalha para os jornais «Record», «Página Infantil» do «Jornal do Fundão». Mas será em «O Papagaio», que se irá encontrar muita da sua produção. Também executa ilustrações para «O Senhor Doutor». Colabora essencialmente em vitrais, nos quais se torna um artista de craveira, com o seu irmão Jam (José Alves Mendes). É pai de outro grande artista: José Manuel Domingos Alves das Neves (o Zé Manel, o nosso melhor desenhador de «bonecos»).

Meco colabora igualmente em cartazes, nos concursos de «O Século» e em outras actividades. Salientamos ainda «Eva», «Renas-

cença», «O Século», «O Século Ilustrado», «Modas e Bordados», «Joaninha», «Portugal Ilustrado», «Diário Popular», «Rádio Mundial» e «Sempre-Pronto», como outras publicações onde se encontram trabalhos seus.

## JÚLIO RESENDE (1917/ )

Inicia a sua colaboração em Outubro de 1933, na secção infantil do «Jornal de Notícias».

As criações de Júlio Martins Resende da Silva Dias, «O Fagundes Arripiado» e «O Freitas», chegaram a ser representados nos palcos e também nos microfones da rádio. Mas a sua maior produção encontra-se em «O Papagaio», onde chegou a assinar trabalhos com o pseudónimo de Dyas. Colaborou também no «Tic-Tac» e «Comboio».

A partir de 1945 dedica-se à pintura.

## SÉRGIO LUÍS (1921/1943)

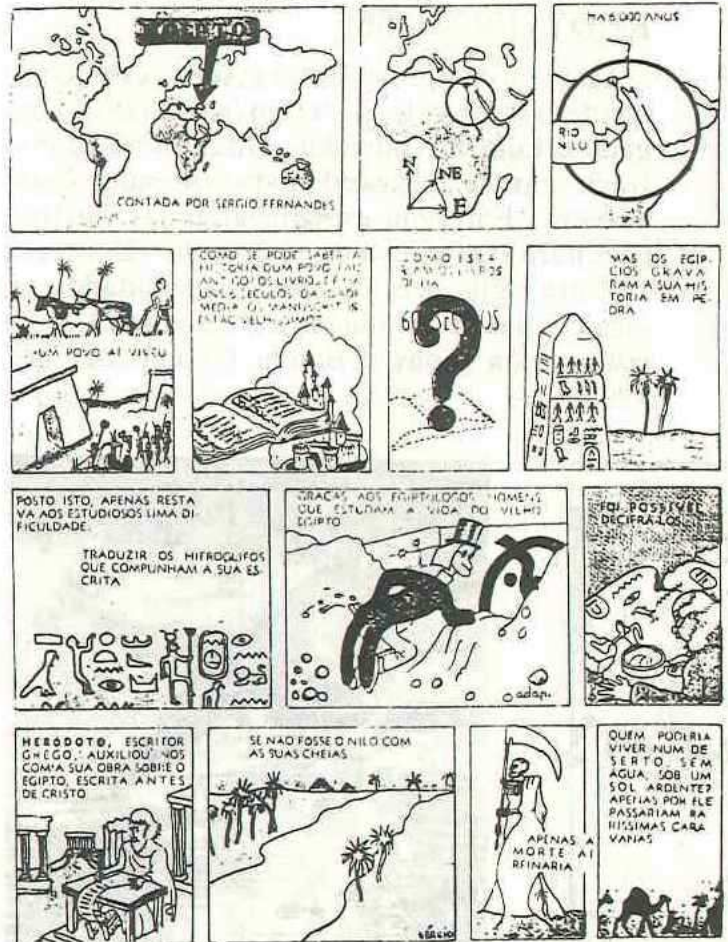
Sérgio Luís Henriques de Almeida Fernandes colabora em o «Engenhocas» e «Pim-Pam-Pum!». Mas a sua maior produção encontra-se na revista «O Papagaio» (1938/43), não só com histórias sobre a Antiguidade como, principalmente, com as aventuras de «O Boneco Rebelde», que alcançariam grande sucesso na época. Algumas das personagens femininas deste trabalho, eram da autoria de Guy Manuel (seu irmão) mais à vontade na execução da anatomia feminina. A mesma personagem acabará por ter um filme de desenhos animados executado por si, que iria servir para a indicação do intervalo no Cinema Europa e no Jardim Cinema. «Passatempo», «O Mosquito» e «Diabrete», são outras das revistas onde irá ainda colaborar.

A doença arrebatou-o bastante novo.

## RUY MANSO (1921/ )

Ruy Lupi Manso tinha 16 anos quando se iniciou em «O Papagaio» (1937), como muitos outros artistas da época. Volta a colaborar com desenhos seus, em «O Mosquito» (1948). No «Rim-Tim-Tim» e no «Pim-Pam-Pum!», também se assinala a sua presença. Mas será em «O Papagaio» que executará melhores trabalhos. Em «O Senhor Doutor» (1933), dedica-se a uma tarefa inédita. Decalca os desenhos das Histórias aos Quadrinhos, que vinham importados a cores. (An-

## HISTÓRIA DO EGÍPTO



*A primeira prancha de Sérgio Luís, publicada em «O Papagaio» (Dez. 38)*

tigamente não havia fotolitos). Sem prejuízo da série, Ruy Manso irá desempenhar-se na perfeição, do trabalho de que seria incumbido.

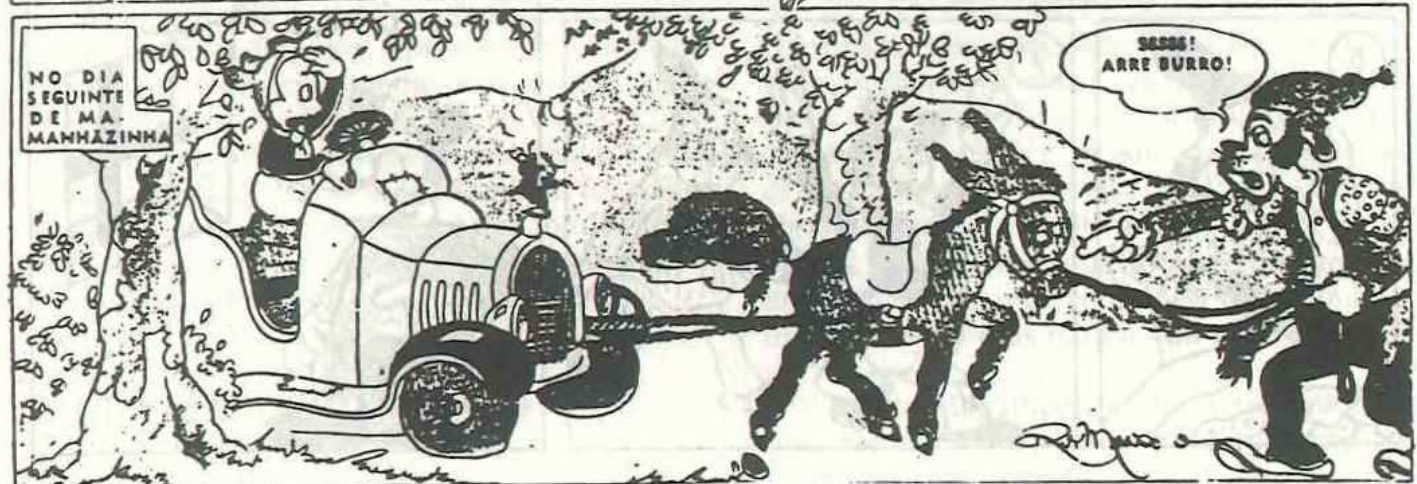
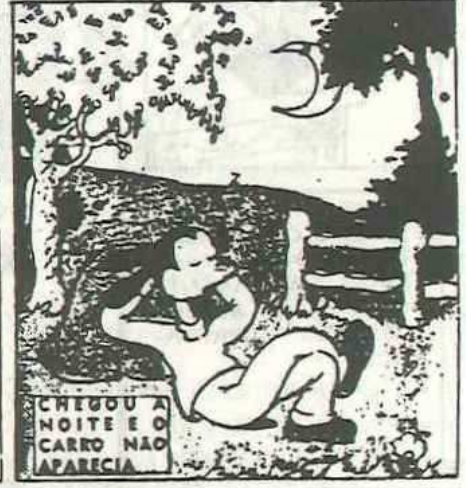
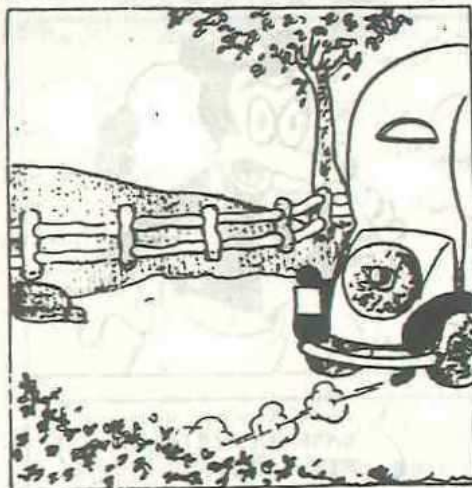
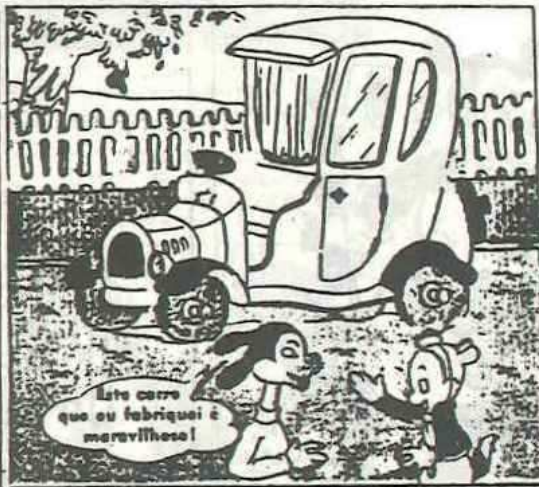
Executou também capas para livros da Inquérito. «Mickey» (1935), «O Faísca» (1936), «Formiga» (suplemento de «O Mosquito») e «Sol», são mais algumas das revistas onde se encontram trabalhos de sua autoria.


## JOSÉ VIANA (1922/ )

José Viana foi sempre um homem predestinado à riqueza de conhecimentos, que tem vindo a adquirir, ao longo da sua vida.

Além de desenhador, foi cenógrafo, fabricou fantoches, é um adaptador de peças, pinta, ensaia e dirige actores.

O seu primeiro desenho nasce em «O Almanaque do Século». Seguem-se trabalhos seus em «O Papagaio» e «O Senhor Doutor». No «Pim-Pam-Pum!», «Cara Alegre» e «Os Ridículos», encontramos ainda algum material da sua autoria.





# PAPAGAIO

186

Viana.

UM LADRÃO  
ANTEFELIZ!



...METEU O DESPERTADOR DE D. TÓTÓ NUM SACO, JUNTAMENTE COM MAIS ALGUNS OBJECTOS SURRIPADOS...





Desenhos de Guy Manuel (inéditos) e uma prancha

No Sonoro Filme, onde fez trabalhos publicitários, em agências de publicidade, como desenhador de capas para livros policiais e cartazes publicitários, como pintor de barracas na Feira Popular, aprendiz de fotografa e muito principalmente, extraordinário ator de teatro, tudo isto é... José Viana. Como pintor fez três exposições em Angola. Outra faceta de José Viana é que também foi o fundador de dois grupos de música, onde tocava e cantava. Mais tarde exerce igualmente a profissão de cantor.

### GUY MANUEL (1923/1943)

Artista muito jovem e um excelente estudante, veria a sua carreira cortada cerce, pela

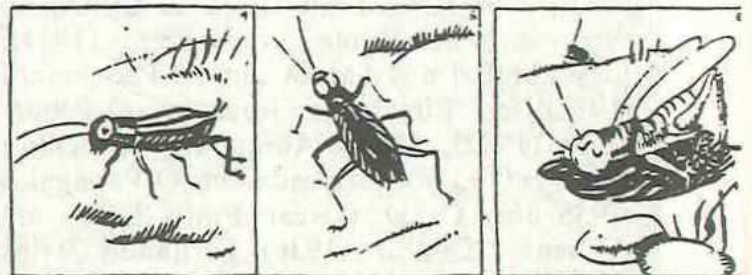
## O «SALTÃO»



**D** Gafanhoto Saltão «Puts-daqui-para-ali numa certa ocasião envolveu-se em discussão com o Dom Grilo Cri-cri.

Qualquer dítes disputava um buraco no chão, onde o calor não chegava nem a chuva penetrava: uma rica habitação.

—«Quem encontrou este nicho fui eu!» — dizia o Saltão. Você habite no lixo, pois que não passa dum bicho que anda a rojar pelo chão.



—«Você mente, você mente... (Voi-te o Grilo ao Gafanhoto) Quem o viu, primeiramente, fui eu!» Mas, condescendente, abdicou do exatidão.

Dom Grilo, que era modesto e humilde por condição, após resignado gesto, as costas lhe virou, lesto, e deixa em paz D. Saltão.

Talvez por sentir-se fraco o pobre grilo partiu em busca doutro buraco e logo o grande velhaco no rucho se introduziu.



Entretanto, aí quem diria ao atrevido Saltão que em cima lhe saltaria uma cobra que vivia dentro dessa habitação.

e que, ao vê-lo dentro dela, em dois pedaços o fez, dando-lhe tal mordidela, que nem a Virgem d'Agreda o salvaria talvez.

Que isto sirva de lição a quem abuse da força. Na vida há muito Saltão que expõe, em sua ambição a vida por um buraco.

AUGUSTO DE SANTA-RITA

doença, com 20 anos. No entanto ainda nos deixaria uma bela obra. As suas colaborações poderão encontrar-se no «Faisca» n.º 1 (a capa é sua), em 1941. Em «O Papagaio» (1938/43), «Engenhocas», «Pim-Pam-Pum!», «Passatempo», «Renascença», «Diário de Lisboa», «O Senhor Doutor», «Microfone» e «Acção Infantil» (1941), produz largas dezenas de ilustrações e histórias. Também deixaria algumas obras incompletas.

Guy Manuel Henrique de Almeida Fernandes viria a tornar-se, com o seu irmão, numa das maiores perdas para a Banda Desenhada portuguesa.

Pinto de Magalhães foi um desenhador de uma técnica firme, tendo criado ilustrações, «cartoons» e Histórias aos Quadrinhos. Em 1931 dirigiu, editou e ilustrou um semanário



## B. D. portuguesa

de crítica e caricaturas, que possuía o nome de «A Paródia». Publicaram-se oito números. Embora se dedique à publicidade, Pinto de Magalhães continuará a produzir «cartoons» para o «Sempre Fixe» (1931). Em 1939 dirige, juntamente com Calvett de Magalhães a revista «Pirilau», tendo desenhado capas, ilustrações e Histórias aos Quadrinhos nessa edição.

Os restantes desenhadores portugueses que deverão ser salientados, são os seguintes: José Ventura em «O Bebé» (1930); Silva Neto em o «Infantil Ilustrado» de Setúbal (1931/38); Moreira Fernandes em «Para as Crianças», suplemento do «Primeiro de Janeiro» (1931); Jorge Aníbal dos Santos em «O Pequenino» (1932); José Ribeiro da Graça em «O Pequenino» (1932); Máriõ Abreu em «O Senhor Doutor» (1934); Margarida em «O Papagaio» (1935/36); Oskar (Oscar Pinto Lobo) em «O Senhor Doutor» (1936); Fernando Carlos em «Joaninha» (1936/40); Ernesto Silva em «O Senhor Doutor» (1936), onde criará a «Família Pipocas»; Máriõ Costa em «O Senhor Doutor» (1937); Tavares Pinto em «Pim-Pam-Pum!» (1938/39); Daniel em «Página Infantil do Diário do Alentejo» (1938); Pargana em «Os Ridículos» (1938); Hugo em a «Revista» e A. Bernardo em o «Sempre Fixe» (1939).

### Notas

(1) Alonso iria colaborar pela primeira vez, na sua vida artística, na revista «Charivari» (1891), do Porto.

(2) Do mesmo modo, Francisco Teixeira daria os seus primeiros passos no campo da Banda Desenhada, no «Século — Suplemento Humorístico» (1899).

(3) Raul Correia era o autor das «Cartas do Avô-

zinho». Estas seriam mais tarde recolhidas e lançadas em 8 volumes, pelos «Amigos do Livro», com ilustrações de Carlos Alberto Santos.

(4) Muitas outras séries iriam surgir nas páginas da revista, nomeadamente trabalhos de Steve Dowling, Paul Gillon, Leguen, Lucien Nortier, etc.

(5) Foi publicada uma outra edição em álbum, pela Mocidade Portuguesa.

(6) Existe também uma outra edição deste álbum da Portugal Press (Roussado Pinto).

(7) José Ruy lançaria no mercado, da sua autoria, um trabalho sobre a vida do Infante D. Henrique. Trata-se de uma pequena brochura de poucas páginas e no formato da edição de «O Mosquito».

(8) Em qualquer destas edições, só as duas primeiras irão repetir os trabalhos surgidos na 1.ª série. A 4.ª é muito má, enquanto a 5.ª é excepcional, embora apresente trabalhos de autores portugueses e estrangeiros consagrados, em moldes totalmente inovadores.

(9) Júlio Amorim Júnior nasceu em Lisboa, no dia 6 de Novembro de 1909, ficando mais tarde à frente da Litografia Amorim, com o seu irmão Lauro Amorim. Começa a desenhar no «Stadium» (1932) e colabora mais tarde no «Tic-Tac» (1935/36). Foi um excelente capista. Trabalhou para a Livraria Civilização do Porto e para as Edições Romano Torres, com capas para a «Colecção Grandes Mistérios», «Colecção Manecas» e «Colecção Salgari».

(10) Júlio Martins Resende da Silva Dias.

(11) «O Papagaio» continuaria a sair como suplemento da revista «Flama» em (2.ª e 3.ª série), de Março de 49 a Fevereiro de 51. Foram publicados 98 números com trabalhos de José Ruy e Vítor Silva.

(12) A Mocidade Portuguesa era uma organização nacional que abrangia toda a juventude. Havia um Comissário Nacional, que era designado pelo ministro da Educação Nacional. Nobre Guedes e Marcelo Caetano seriam os primeiros. Os filiados na Mocidade Portuguesa dividiam-se em Lusitos (dos 7 aos 10 anos), Infantes (10 aos 14), Vanguardistas (14 aos 17) e Cadetes (17 aos 25 anos). Os dois primeiros escalões eram de filiação obrigatória.

livraria  
**o jornal**

**CENTRO COMERCIAL  
GIRASSOLUM  
(Coimbra)**